

PEGADAS ERÓTICAS DAS MASCULINIDADES ¹ EROTIC FOOTPRINTS OF MASCULINITIES

Bruno Souza Leal ²

Carlos Camargos Mendonça³

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça⁴

Resumo: Investigamos a presença dos pés como objeto erótico entre homens gays cisgêneros em diferentes circuitos comunicativos, como redes sociais, narrativas seriadas e na pornografia. Nesses textos, podoerotismo é uma presença forte, constante e envolve números significativos, caracterizando uma “dispersão discursiva” de contornos peculiares. Interessam-nos as textualidades que emergem nessa malha, na qual podemos observar alguns padrões pelos quais os pés masculinos são apresentados e oferecidos à apreciação erótica, assim como alguns dos usos que se dão com eles, as partes que são valorizadas e as assimetrias de poder das relações nas quais se inscrevem. Notamos, ainda, modos de articulação entre pés, corpo e masculinidades, que podem ser caracterizadas como relações metonímicas nas quais os apêndices podais servem como índices que mostram dinâmicas regulares e fissuras das masculinidades atuais. Entre essas, está a desgenitalização do sexo através do revestimento fálico dos pés.

Palavras-Chave: Pés Masculinos. Masculinidades. Textualidades.

Abstract: We investigate the presence of feet as an erotic object among cisgender gay men in different communication circuits, such as social networks, serial narratives, and pornography. In these texts, foot erotism is a strong, constant presence and involves significant numbers, characterizing a “discursive dispersion” with peculiar contours. We are interested in the textualities that emerge in this network, in which we can observe some patterns by which male feet are presented and offered for erotic appreciation, as well as some of the uses that are made of them, the parts that are valued, and the power asymmetries of the relationships in which they are inscribed. We also note modes of articulation between feet, body, and masculinities, which can be characterized as metonymic relationships in which the foot appendages serve as indices that show regular dynamics and fissures in current masculinities. Among these is the de-genitalization of sex through the phallic coating of the feet.

Keywords: Male foot. Masculinities. Textualities

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Professor Titular do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente permanente do PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais (www.tramas.com.br). Pesquisador do CNPq. E-mail: brunosleal@gmail.com

3 Professor Titular do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente permanente do PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (www.needec.com.br). Pesquisador do CNPq. E-mail: macomendonca@gmail.com

4 Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente Permanente do PPGCOM/UFMG e PPGCOM/UFOP. Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS). E-mail: felipeviero@gmail.com

1. Botando o pé no mundo

“O pé é um órgão erótico e o sapato é sua capa sexual (Rossi, 1976, p.1)”. Essa frase abre o hoje clássico “*The sex life of the foot and shoe*”, de William A. Rossi, cuja primeira edição é de 1976. O livro, elaborado sob uma perspectiva heterocêntrica e masculinista, é um estudo sobre as práticas sexuais com pés e sapatos e se situa tanto na tradição de obras científicas dedicadas à “vontade de saber” do sexo e da sexualidade (como “*A nossa vida sexual*”, de Fritz Kahn, que circulou fortemente no Brasil ao longo do século XX) quanto no cenário político-cultural dos anos 1970 no Ocidente, com os movimentos pela “liberação sexual”, e no qual emergiram obras populares, como “*A Alegria do Sexo*” e “*ABC do amor e do sexo*”, de Alex e Jane Comfort, além de produções literárias como, no Brasil, as obras de Cassandra Rios e Adelaide Carraro.

William A. Rossi foi um podólogo e um especialista na indústria do sapato estadunidense. Rossi (1976), além de revisar uma diversidade de referências teóricas, aborda o uso dos pés e dos sapatos em práticas sexuais e eróticas em diferentes culturas e tempos, como a China Antiga e o Renascimento Europeu, e adota um vocabulário peculiar e revelador. A partir do prefixo latino “podo”, ele diferencia então “podossexualidade”, “podoerotismo”, “podolatria” e “podofalismo”. Por “podossexualidade”, Rossi (1976) nomeia o amplo campo de práticas e desejos que articulam os pés e o prazer sexual. Esse campo difuso está vinculado ao uso dos pés como recurso erótico, que, por sua vez, inclui aqueles que envolvem a adoração e o fetiche (a “podolatria”). A distinção entre podoerotismo e podolatria é importante, uma vez que o primeiro termo está relacionado às sensibilidades do pé, especialmente na sola, reconhecida pelas terminações nervosas e pontos de estímulo. A podolatria se apresenta então como uma prática podoerótica peculiar e organizada a partir de elementos específicos.

Atravessa esse amplo espectro de processos e práticas erótico-sexuais envolvendo os pés, além disso, um elemento decisivo: a sua articulação com o falo. Nesse sentido, Rossi (1976, p. 3, tradução nossa) observa, por exemplo, que na Grécia Antiga “...as deusas eram frequentemente retratadas com um segundo dedo do pé mais longo que o primeiro. Esse segundo dedo saliente supostamente conferia às deusas poderes fálicos masculinos especiais, além de seus atributos femininos”. Tal escolha estética serve de argumento para Rossi sustentar

que “exceto pelos próprios órgãos genitais masculinos, o pé é o símbolo fálico mais comum e persistente da anatomia humana” (1976, p.3, tradução nossa).

Apesar dessa vinculação entre pé e falo, nem todo o podoerotismo, segundo Rossi (1976), se assenta sobre ela. Explicitando de modo cabal a perspectiva masculinista e heterocêntrica que guia sua investigação, Rossi (1976, p.101) observa:

O pé feminino é muito mais naturalmente erótico do que o pé masculino. É mais macio, mais contornado, mais sinuoso em seus movimentos e expressa feminilidade. Em contrapartida, o pé masculino tem uma aparência mais pesada devido à maior musculatura, maior pilosidade, textura da pele mais espessa e contornos menos delicados. O homem está subconscientemente ciente dessas diferenças, e o contraste cria uma ilusão erótica sobre o pé feminino em comparação com o seu próprio. Por isso, ele tem procurado maneiras de compensar isso. Como resultado, ele frequentemente adorna seus pés de tal forma que seus sapatos se tornam símbolos francamente fálicos (tradução nossa).

Para Rossi (1976), assim, os pés femininos não seriam fálicos, ainda que mais intensamente eróticos, o que levaria, por sedução e necessidade de afirmação, à compensação masculina de potencializar a associação entre seus apêndices podais e o falo, através de posturas, gestos e, especialmente, sapatos. Ainda que as contradições dessa percepção sejam patentes e dignas de debate, ela nos chama a atenção por um outro aspecto, que não é, aliás, ignorada em sua obra: a dimensão simbólica dos pés. Essa imbricação entre a matéria física e a cultura não é lhe é exclusiva, porém. Como observam estudiosos como Christine Greiner (2013), Mabel Moraña (2021), Jean-Jacques Courtine (2023) e David Le Breton (2012, 2016), o que experienciamos e denominamos por e como “corpo” é uma articulação complexa e indissociável entre a materialidade biológica e relações histórico-sociais, incluindo aquelas de saber/poder.

Neste artigo, investigamos a presença dos pés como objeto erótico em diferentes circuitos comunicativos, como redes sociais, narrativas seriadas e na pornografia. Ainda que aparentemente discreto, o podoerotismo é uma presença forte, constante e envolve números significativos, caracterizando, a exemplo do que vimos no pinto e especialmente no cu (Leal, Mendonça, 2023; Leal, Mendonça, Mendonça, 2025), uma “dispersão discursiva” de contornos peculiares. Dado o amplo escopo de textos e produções, e considerando nossa identidade de gênero e orientação sexual (homens cisgêneros e gays), focamos então nos pés masculinos e nos seus usos homoeróticos. Interessa-nos, nesta reflexão, as textualidades *pedestres* que emergem nessa malha de imagens e textos verbais. Podemos observar, nessas redes textuais, alguns padrões pelos quais os pés masculinos são apresentados e oferecidos à apreciação

erótica. Podemos verificar também alguns dos usos que se dão com eles, as partes que são valorizadas e as assimetrias de poder das relações nas quais se inscrevem. Notamos, ainda, modos de articulação entre pés, corpo e masculinidades, que, a nosso ver, podem ser caracterizadas como relações metonímicas peculiares, nas quais os apêndices podais servem como índices que ao mesmo tempo mostram dinâmicas regulares e fissuras das masculinidades atuais. Entre essas, está a desgenitalização do sexo através do revestimento fálico dos pés, ou, nos termos de Rossi (1976), do podofalismo. No desenvolvimento dessa reflexão, partimos do entendimento do corpo como texto e como textualidade para, a seguir, deambularmos por alguns desses circuitos podoeróticos masculinos.

2. Ainda tomando pé

Observando o corpo como um campo de possibilidades nos estudos de gênero, entendemos que a carne é modelada pelas normas, pelos costumes, por performances e por rituais. Não haveria corpo sem cultura ou cultura sem corpo. Ser um campo de possibilidades equivale a ser um campo de significações. Em outros termos, o corpo não é apenas um arranjo de tecidos orgânicos, mas uma trama de sentidos e significações socialmente tecida. A interpretação do corpo ocorre sob as condições de determinado contexto social, histórico e cultural. O corpo, assim, ganha existência no tempo, no espaço e no texto que o significa. Melhor dizendo: um corpo é percebido em suas condições de textualidades (Leal, Carvalho, Alzamora, 2017; Leal, 2006; Leal, 2017; Mendonça, Leal, 2017; Mendonça, 2012).

Compreender o corpo como texto não é o mesmo que entendê-lo exclusivamente como um objeto portador de signos. Assimilá-lo ao texto decorre da percepção do corpo como o lugar da experiência e grau zero ou estado inicial da comunicação. Nos pensamentos e reflexões de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), de Monique Wittig (2019), de Patrícia Hill Collins (2019), de Angela Davis (2016), de Judith Butler (2021), de Paul B. Preciado (2014, 2023), dentre outras e outros, o corpo é lugar de resistência e reconhecimento de ancestralidade; é território de batalhas políticas e tecnológicas; é espaço de produção de conhecimento e de performatividades. Dentro dessas maneiras de conceber o corpo, o gênero é um sistema de relações de poder que conformam, social e culturalmente, o corpo sexuado. Se é o gênero um

marcador corporal, um dispositivo de identificação, caberá aos discursos normativos idealizar os corpos sexuados.

Tal como é preciso ampliar a concepção de corpo, faz-se necessário também alargar a noção de texto para promover a aliança entre os dois termos. Diversos fatores pragmáticos contribuem para a produção e recepção dos textos. Contexto, situação de comunicação, temporalidades, informatividades, intertextualidades e condições de leituras amplificam ou limitam as circunstâncias que permitem transformar em texto as manifestações da linguagem, em perspectiva ampla e não apenas verbal. Gonzalo Abril (1996, 2008, 2025) enfatiza que o texto é parte de um processo, é um construto sociocomunicativo, onde coabitam diferentes modos de linguagem e cuja existência está fortemente vinculada às redes textuais, ou seja, às textualidades. É na sua circulação, na urdidura social e cultural que os textos produzem suas texturas (Abril, 1996).

O conjunto da produção acadêmica de Abril é perpassado por aquilo que ele nominou de exoimanência do texto (1996, 2008, 2025): relações que o texto estabelece com seu externo. A relação diádica entre o signo e o seu significado exige condições de causalidade, temporalidade e espacialidade para sua ocorrência e interpretação, ou seja, está implicada nas relações estabelecidas a partir de uma ligação do signo com a existência e com a experiência. Assim, nos limites da noção proposta por Abril (1996, 2008, 2025), na exoimanência a relação semiótica tem toda a sua potência de semantização atrelada às condições sociais, culturais e temporais dos sujeitos envolvidos na busca pelo sentido. Em outros termos, como bem nos diz o semiótico espanhol, os textos se fazem sentir em conjuntos de práticas que determinam uma realidade política-cultural que semantiza e ressemantiza a vida em comunidade.

Maria da Graça Costa Val (1991) comenta que as pessoas se comunicam através de textos e não de frases ou de palavras. De acordo com a linguista, textos são unidades de linguagem em uso, organizados por princípios sociocomunicativos, com funções determinadas e reconhecíveis dentro de dada situação social. Assim, o texto é compreendido como um “objeto de comunicação” entre sujeitos, dotado de um lugar entre os objetos culturais. Para a leitura crítica dos textos devemos concebê-los, portanto, como artefatos comunicacionais que atuam por relação e continuidade. Se o texto é um ponto na trama das redes textuais, a análise de suas possibilidades de significação, de suas semioses (Peirce, 1991), deve considerá-lo como um acontecimento comunicacional. Neste, estão reunidos diversos atos de pensamento e de expressão que serão percebidos por competências intelectuais e sentidos pelo corpo. Nessa

perspectiva, a leitura não é uma interpretação do conjunto ordenado de expressões, ela é uma forma de execução do texto, uma colocação do texto em ato (Moura, 2019). Para produzirem textos os sujeitos conclamam saberes e sensações, acionam performances (Goffman, 2014; Taylor, 2013) e representações.

Inspirado pelo conceito de semiosfera, formulado pelo semiótico e historiador cultural russo Yuri Lotman (2019), o antrope-semiótico venezuelano José Henrique Finol (2015) elaborou a noção corposfera com o objetivo de pensar os corpos como a primeira oportunidade para a semantização do mundo. Segundo Finol (2015), não há como refletir sobre uma pessoa sem considerar as cartografias do seu corpo. A experiência do viver só é possível via o corpo. Na proposta dele, o corpo será sempre a reunião do vivido, do experimentado, do significado durante a existência. São estes processos de experimentação e significação os responsáveis por nosso ser e estar no mundo. Finol (2015) estabelece, a partir das cartografias, uma diferenciação entre o “corpo em-si” – aquilo que ele determina como a dimensão mais visível e tangível do corpo-, e o “corpo para-si” – formado por instâncias que ultrapassam a materialidade do corpo para alcançar territórios semióticos que tem os sentidos sobre o corpo como protagonistas. Neste último ponto residem as performatividades de gênero, os padrões transnacionais de beleza, os rituais continentais de saúde, o erotismo global, a pornografia, dentre muitas outras tentativas de grafar os corpos.

Ao considerar o “corpo em-si”, Finol (2015) estabelece uma morfologia do corpo sob uma lógica semiótica, observando como as partes do corpo significam. Para tanto, o corpo foi dividido em seis níveis: alto, médio e baixo; anterior, posterior e lateral. Há ainda a consideração, por parte dele, dos aspectos internos e externos do corpo. No nível alto encontram-se as formulações semióticas sobre o rosto, os olhos, a boca e os cabelos. Ao nível médio estão os braços, as mãos, o torso e o abdômen. O nível baixo compreende o quadril, as nádegas, os genitais, as pernas e os pés. Sem nos atermos detalhadamente a semiotização de cada nível, é de nosso interesse, aqui, seguir a proposta de que mesmo estando recortada, cada parte do corpo significa em fluxo, em trânsito com as demais, formando, nos termos de Finol (2015), uma complexa rede comunicativa.

3. Pé ante pé

“Meu namorado sempre diz que um cara que coloca os pés descalços pra cima com toda a confiança e fica totalmente relaxado tem a força bruta de cinco caras fazendo

‘manspreading’⁵”. Essa afirmação foi feita em resposta a uma pergunta postada na plataforma Reditt, em 2025: “Se você tem fetiche por pés - o que é nos pés de um homem que te excita?”. Postada pelo perfil de um homem gay, a pergunta recebeu diversos tipos de resposta. Entretanto, todos os 13 comentários tinham um sentido em comum: o aspecto dos pés refletindo a masculinidade dos corpos. A parte pelo todo, os pés como metonímia das masculinidades: os conteúdos dos retornos dados para a questão conferem aos pés o caráter de signos indiciais da masculinidade, responsáveis por guardar condições de interpretação social, política e culturalmente formuladas. Tal aspecto é reiterado em um acontecimento recente. Matheus, um dos participantes da atual edição do Big Brother Brasil, em diálogo Paulo Augusto, também participante, demonstrou incômodo diante dos pés, bem cuidados, do colega. “Eu acho foda. Bom, aqui tem que cuidar com tudo que tu vai falar. Eu acho estranho homem com pé muito bonito”⁶”.

O sentido e o valor atribuído aos pés dos homens não é novidade ou privilégio da era digital ou do tempo das plataformas. Das expressões cristãs, passando pelas máximas populares e pela podolatria moderna, os pés traçaram um longo caminho e sempre se destacaram na história e nas representações do valor das masculinidades. “Pé no chão”, “Pé rapado”, “Bater o pé”, “Pegar no pé”, “Meter o pé na jaca”, “Não chegar aos pés de fulano” são presenças do pé na boca do povo. Ao final do ano de 2025, uma campanha publicitária para saudar o ano novo, veiculada pela marca de chinelos Havaianas e estrelada pela atriz Fernanda Torres, ocupou o debate político nas redes sociais⁷. Na peça audiovisual, a atriz afirmava:

Desculpas, mas eu não quero que você comece 2026 com o pé direito. Não é nada contra a sorte, mas vamos combinar que sorte não depende de você. Depende da sorte. O que eu desejo é que você comece o ano novo com os dois pés. Os dois pés na porta, os dois pés na estrada. Os dois pés na jaca. Os dois pés onde você quiser — vai com tudo. De corpo e alma, da cabeça aos pés. Havaianas, todo mundo usa.

O texto da campanha jogava de modo cômico com o dito popular “entrar com o pé direito”. Publicado no perfil Instagram da marca, em 18 de dezembro de 2025, o vídeo teve mais de 6 milhões de visualizações em quatro dias. Rapidamente, setores conservadores atribuíram a troca no texto de “entrar com o pé direito” por “entrar com os dois pés” como um

5 Hábito masculino de sentar com as pernas muito abertas, geralmente em espaços públicos, ocupando mais espaço que o necessário ao corpo como um sinal de dominância.

6 Disponível em: <https://rd1.com.br/bbb-26-matheus-expoe-masculinidade-fragil-ao-ver-pe-de-paulo-augusto/> Acesso em: 02/2026.

7 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r5JkHw5j_wI Acesso em: 02/2026.

ataque à direita e sugeriram um boicote aos produtos da marca. Na mesma velocidade, a proposta de boicote virou meme e as postagens parodísticas dos comentários conservadores ganharam as redes sociais.

Veículos jornalísticos, perfis de curiosidade, influenciadores digitais colocaram o pé no caminho e correram para explicar que a expressão “entrar com o pé direito” vem da Roma antiga e não estava relacionado a um posicionamento político de esquerda ou de direita. Naquele tempo, os romanos acreditavam que o lado direito era o lado bom, protegido pelos deuses e, portanto, detentor da sorte. Então, o lado direito do corpo era o lado abençoado por ter a proteção divina. Decorre daí a ideia de que o pé direito seria aquele do bom caminhar e da sorte.

As textualidades dos pés têm rastros semióticos também em textos sagrados e em obras literárias da Grécia antiga. Na Bíblia, por serem as partes do corpo que tocam o chão, que executam os passos e permitem o caminhar, os pés receberam diversas citações e ganharam expressões variadas. Andar descalço é sinal de humildade, lavar os pés de alguém representa hospitalidade, servidão e modéstia. No hebraico antigo, a palavra “*regel*” significava pé, mas também perna (Araújo, 2024). Em alguns contextos, “*regel*” era também usado para se referir ao pênis.

Dentre todos, um dos atos mais reconhecível envolvendo os pés na narrativa bíblica é a cerimônia do lava-pés (João 13:1-20) (Bíblia, 2023), executada por Jesus Cristo durante a última ceia, quando ele lava e beija os pés dos apóstolos. Lavar os pés de alguém era um ato de acolhimento, um gesto amigável. O símbolo de humildade e servidão advinha do fato de que apenas os serviçais mais modestos lavavam os pés dos senhores.

No poema épico Odisseia, de Homero (1998), Canto XIX, ao retornar à Ítaca disfarçado de andarilho, 20 anos depois, Ulisses foi reconhecido pela antiga e fiel ama Euricleia. Por ordens de Penélope, que pretendia demonstrar hospitalidade ao visitante, a serva lava os pés do andarilho e nesse ato reconhece seu senhor ao ver uma cicatriz na perna daquele homem. Euricleia lembrar que Odisseu adquiriu aquela cicatriz na infância, durante a caça de um javali. Novamente, a linguagem é metonímica: a cicatriz opera como fragmento do herói.

Na Idade Média, a teologia cristã exercia uma forte regulação dos corpos, evitando a sua erotização, condenando as práticas de prazer e reforçando a crença de que o sexo deveria servir apenas para a procriação. Assim, à época, os pés eram considerados parte de

contaminação dos corpos, por tocarem o chão. O valor de submissão e reverência permanecia no ato de beijar os pés dos santos.

Entretanto, no período medieval, em Londres, um sapato masculino causou alvoroço na organização moral da cidade. Um artigo chamado *The pointy-shoed corruption of medieval London*, publicado no portal da BBC⁸, relembra que os Polaines, modelo de sapato que possui um bico muito alongado e usado, predominantemente, por homens ricos, eram acusados de promover excitação e perversão sexual. O modelo foi proibido: por ser associado ao demônio, pois a ponta virada para cima era “semelhante” ao chifre de um carneiro; por expressar o pecado da vaidade, sendo assim um elemento de afeminação; por sua forma alongada possuir um aspecto libertino, ao emular o tamanho do pênis e indicar disponibilidade para o ato sexual. A igreja londrina atribuiu o caráter de punição divina a chegada da Peste Negra, em 1348. O motivador da ira divina seria o comportamento degenerado nos modos dos homens e os Polaines eram a simbolização desse comportamento.

De modo contrário às representações elaboradas na Idade Média, a partir do Renascimento as artes plásticas ressignificaram os pés. As representações destes passaram a valorizar seus aspectos mecânicos e anatômicos, mas também uma condição erótica e divina. Desde então, as representações tem considerado o pé como um dos elementos centrais na representação da figura humana. Sob essas condições, as representações figurativas dos homens poderosos passaram a correlacionar o tamanho do pé à potência fálica do corpo.

Uma matéria publicada no portal Super Interessante⁹, em 2011, relembra a lenda mundial que vincula o tamanho do pé ao do pênis. O jornalista Eduardo Szklarz inicia o texto destacando a perenidade e a extensão do mito dos tamanhos semelhantes. A matéria apresenta dois estudos, um conduzido na Universidade Nacional de Pusan/Coreia e outro na University College London/Inglaterra, bem como a fala especializada de um professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre para concluir que o mito não passa de mito e que tamanho do pé não é documento.

8 Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c9vn11evdkko> Acesso em: 02/2026.

9 Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/existe-relacao-entre-o-tamanho-dos-pes-e-do-penis/> Acesso em: 02/2026.

4. Fazendo o pé

Em uma busca no *Facebook* (Fig. 01; Fig. 02), em fevereiro de 2026, a partir das palavras “pé”, “pés”, “foot”, “feet” e “pies”, encontramos uma infinidade de grupos dedicados ao podoerotismo. Nessa ampla listagem, parte significativa dos grupos era dedicada aos pés femininos, descalços, com sapatos de salto alto, com chinelos ou sandálias. Entre os dedicados aos pés masculinos, estão, por exemplo, grupos como “*Pés e calçados*” (privado, mais de 6 mil inscritos), “*Fetiches por pés*” (público, com quase noventa integrantes), “*Os mais belos pés masculinos*” (público, com quase 6 mil participantes), “*Pés masculino*” [sic] (público, com pouco mais de mil membros), “*FeetMenBrazil*” (privado, com mais de 4 mil inscritos), “*The male foot lovers group III*” (privado e 25 mil integrantes) e “*Pies lindos masculinos*” (público de mais de 2 mil inscritos). Esses grupos, mais generalistas, têm como companhia outros, com recortes específicos, como “*Men’s socket feet*” (público, 10 mil membros), “*Pés masculinos, chulé e muito mais*” (público, 178 integrantes), “*Pés masculino[sic] baianos*” (público, 55 participantes) e “*Pés de macho sul de Minas*” (público, quase 700 inscritos). Além de aspectos geográficos e de preferências, como a existência de chulé, os grupos demarcam também práticas específicas e modos de fruição dos pés, como é o caso de “*Cócegas em pés masculinos em São Paulo*” (público, 2.4 mil inscritos) e “*We spy male feet*” (privado, 8.9 mil participantes). Enquanto o primeiro é dedicado a uma prática, as cócegas, o outro abriga imagens de pés de homens tiradas no dia a dia, em situações como supermercados e espaços públicos.

O levantamento realizado no *Facebook* espelha um outro, feito no *Instagram* em outro momento (Leal, 2025), também com as expressões “pés”, “foot/feet” e “pies”. Naquele momento, o algoritmo do *Instagram* respondeu à busca com perfis diversos, nos quais predominavam pés de homens brancos. Para pés de outras marcações identitárias, fez-se necessário busca específica, como foi o caso do uso de expressões como “pés de homens negros” e “black men feet”. Nos perfis do *Instagram* e nas postagens dos grupos públicos do *Facebook* predominam dois tipos de imagem: as que trazem apenas os pés e parte das pernas e aqueles em que o homem aparece de corpo inteiro e com os pés, calçados, de meias ou desnudos. Outro

recorte diz respeito à qual parte do pé é mostrado: se a superior, em que aparecem veias, pelos, dedos e unhas, ou a inferior, cujo destaque então são as solas.



FIGURA 1 – Poses recorrentes
FONTE - Facebook

Nessas imagens dois conjuntos de relações são possíveis de ser identificadas. Um deles diz respeito à peculiar relação metonímica que envolvem os pés exibidos e o corpo ausente, ao qual eles estariam ligados. O outro observa, quase na direção contrária, as conexões entre os pés e os corpos exibidos na mesma imagem. No primeiro caso, opera-se uma fragmentação do corpo, que é ao mesmo tempo suturado pouco abaixo do joelho, e condensado no texto visual dos pés.



FIGURA 2 – Pés fragmentados
FONTE – Facebook

O recorte da imagem no pé, sem dúvida, põe foco nele e na promessa erótica que contém. Nesse sentido, parece haver sim diferença significativa quando a imagem valoriza somente as solas ou a parte superior dos pés. As solas são as partes menos identificáveis dos pés e, parafraseando Rossi (1976), sugerem maciez, sinuosidade e mesmo feminilidade. Já na parte superior dos pés encontram-se elementos que demarcam suas características masculinas, como pelos, asperezas, tamanhos, veias e saliências. Diante de cada imagem, podemos então perguntar: a qual corpo pertencem esses pés? Que corpo pode ser prolongado a partir desse fragmento? Parece-nos que a relação metonímica entre os pés e o todo somático promove

curiosamente uma abstração que extrapola a individualidade, a singularidade de cada corpo. Nesse sentido, esses fragmentos simultaneamente afirmam uma promessa erótica e indiciam idealizações de masculinidades (Contraditórias? Complementares?) vislumbráveis no corpo abstrato que projetam. Os pés são, ao mesmo tempo, de uma pessoa específica e de um homem genérico, identificável apenas por seus marcadores étnico-raciais. Em cada pé, portanto, todos os homens; de todos os homens, os pés.

Quando as imagens mostram os corpos inteiros (Fig. 03), essa relação metonímica se mantém, adquirindo, porém, outros contornos. Os corpos agora já não são abstratos e tem marcadores explícitos: são jovens, têm pelos, são esbeltos e predominantemente brancos. Como se vê, valoriza-se frequentemente as solas, cuja maciez adquire o complemento do tamanho: todos são pés grandes. As poses, por sua vez, indicam relaxamento, oferta, espera e expectativa. A valorização do tamanho dos pés reforça a sua associação ao falo, pois são como pênis eretos, e nesse sentido as solas, macias, podem ser vistas como enormes glândulas. Ainda que as imagens tragam rostos, os corpos permanecem de alguma forma anônimos. A projeção metonímica de um homem idealizado, de uma masculinidade sonhada, se mantém, com contornos étnicos, estéticos e etários mais reconhecíveis. Essa metonímia permanece também ambígua e contraditória: a singularidade de cada pé, de cada corpo, é revestida um ideal genérico e, curiosamente, impessoal.



FIGURA 3 – Pés e corpos
FONTE – Facebook

Para Oliveira Júnior (2021, p. 06), em sua pesquisa sobre podolatria *online* e *offline* entre homens,

o interessante, no caso da podolatria, é a forma como os homens acabam sendo anônimos em si mesmos na visualidade do artifício do pé, a busca restrita pelo fragmento do outro revela apenas em segunda instância a busca pela totalidade, podendo estar atrelada à percepção de suspeita e de risco pelo compartilhamento do "perigo" da perversão.

Para Oliveira Júnior (2021), a partir de Miskolci (2017), essa anonimia constitui uma espécie de “duplo armário”, uma vez que as experiências on-line ampliam o controle existente na vida social. Nessa perspectiva, as textualidades *pedestres* das redes sociais podem ser vistas como espaços de fantasia, de fruição erótica solitária. No entanto, é preciso considerar, por um lado, que tais imagens são pontos nodais de processos comunicativos entre pessoas, que podem interagir virtual ou presencialmente, apesar dos riscos. Por outro lado, o caráter público de muitos perfis no *Instagram* e de grupos no *Facebook* trazem ainda uma condição de acesso amplo e difuso de imagens, contatos e trocas. Nesse sentido, parece-nos que as textualidades podoeróticas tornam menos óbvias e certamente menos estáticas as relações entre armário, privacidade, intimidade e espaço público.

5. Lambendo os pés

As imagens que circulam no *Instagram* e no *Facebook* instituem uma rede textual padronizada e configurada em meio a dinâmicas sociais e de poder reconhecíveis. Essa textualidade podoerótica é indissociável, nas redes e em outras produções culturais, da podolatria, em que o erotismo dos pés ganha a companhia, como observam Facchini e Machado (2013), da erotização da hierarquia, em que as assimetrias e as diferenças de papéis nas relações sexuais não só é reconhecida como valorizada. Nesse sentido, a podolatria é vista como uma prática sadomasoquista e/ou associada ao BDSM.

Oliveira Júnior (2020, 2021) entende que as relações de sujeição e dominação são constitutivas dessas práticas. Adotando o vocabulário de obras iniciais de Judith Butler, Oliveira Júnior (2021, p. 05) afirma que nas performances de adoração podólatra “há uma construção performática que parodia uma hierarquia dentro do espectro das masculinidades, moldadas por um repertório convencionado ao fetiche e moduladas pelas sociabilidades dos homens que praticam”. Indagando a seus informantes sobre essa erotização das hierarquias, Oliveira Júnior (2021, p. 08) obtém respostas confirmadoras.

Quando perguntados sobre o que significa adorar os pés de um homem, a maioria dos interlocutores ressaltam o desejo de submissão, embora muitos também destaquem o desejo pela dominação do desejo do outro. Foram utilizados alguns verbos na procura do significado que aparecem na ação: "adorar", "idolstrar" e "obedecer". Como explicação, o interlocutor 7 disse que o desejo que sente aparece atrelado ao tesão por estar aos pés de um homem: "maravilhoso, dá uma sensação de superioridade e que as pessoas que rastejam aos meus pés". No ato propriamente dito, quando perguntado sobre qual o prazer de ser dominado se o fetiche estiver atrelado à dominação, o interlocutor 12 descreve o fetiche em "sim, dominação, a sola dos pés do homem...geralmente ele usa para esmagar algo, um inseto etc.". De forma mais sintética, o interlocutor 20 explica que o significado do fetiche aparece como "uma demonstração de que existe um para servir e outro pra ser servido".

As dinâmicas de dominação e de submissão, comuns nas experiências de erotização das hierarquias sexuais envolvendo os pés, explicitam tensões presentes nas relações sexuais e não podem, nem de longe, serem consideradas impopulares. O *Sexlog*, maior rede social adulta voltada à troca de conteúdos e de experiências sexuais no Brasil, contando com mais de 22 milhões de usuários cadastrados, divulgou, em 2025, o que chamou de *Censo Brasileiro dos Fetiches*¹⁰. Dentre os cinco fetiches mais populares, via respostas dos usuários, consta, em terceiro lugar, atrás de “sexo anal” e “orgia”, a podolatria.

No dia 12 de fevereiro de 2026, em busca junto à plataforma *XVideos* (plataforma de conteúdo pornográfico com maior número de acessos no Brasil), ao selecionar a opção “gay” e ao inserir a expressão *male feet* (pés masculinos, em inglês), chegamos a cerca de 32 mil vídeos. Ao buscar por *feet* (pés), a pesquisa retornou com cerca de 16 mil registros. Ao realizar a busca em português, com os termos supracitados, chegamos a cerca de 21 mil e 13 mil vídeos, respectivamente. Nos *frames* dos vídeos obtidos por meio destas buscas (Fig. 04), apresentados em ordem de relevância, saltam aos olhos uma relação próxima/intrínseca entre o pé, enquanto objeto de desejo, e uma postura de dominação (do sujeito que tem os pés adorados) e de submissão (do sujeito que adora os pés que possui diante de si), que parece ser aspecto relevante naquilo que tange a prática da podolatria nesse contexto.

¹⁰ Disponível em: <https://pt-br.sexlog.com/datasexo/sexlog-censo-fetiches/>. Acesso em: 02/2026.



O atleta muscular KC caiu a. e teve seus
pés lambidos

[My Friends Feet](#) - 395,7 k Visualiza... 8 minutos



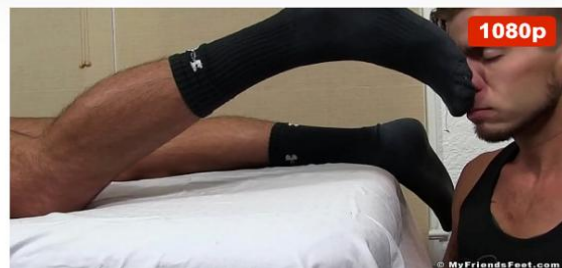
Pés de empresário Hunky adorados
enquanto se masturbava

[My Friends Feet](#) - 392,6 k Visualiz... 10 minutos



O garanhão com tinta teve os dedos dos
pés chupados por seu amigo equivocado

[My Friends Feet](#) - 388,2 k Visualiz... 10 minutos



O pedaço com tinta Michael Roman cobre
os pés macios com esperma

[My Friends Feet](#) - 376,3 k Visualiza... 8 minutos



TRATAMENTO VIP NOS PÉS DO PUTO
XXL LUCAS DOTADO. PAU TORANDO...

[DropboyFloripa](#) - 56,4 k Visualizaçõ... 10 minutos



Pé musculoso de Skyy Knox adorado por
seu amigo de terno

[My Friends Feet](#) - 306,6 k Visualizaç... 5 minutos

FIGURA 4 – Pornografia Podólatra
FONTE – XVideos.

Um destes vídeos (Fig. 05)¹¹, que reúne mais de um milhão e duzentas mil visualizações, é uma produção do canal *My Friend's Feet* (Os Pés do meu Amigo). A peça audiovisual tem duração de 10 minutos e, em seu *frame* inicial, mostra um homem jovem, musculoso, com tatuagens, deitado sobre uma espreguiçadeira. Um dos pés, já desnudo, é massageado por alguém (neste instante enxergamos apenas as mãos e ouvimos uma voz masculina). O outro pé está com um calçado esportivo, trazendo o solado, que é branco, sujo. Enquanto audiência, em primeiro plano, temos acesso aos pés e, ao fundo, vemos o homem que recebe a massagem. Ao passo que a cena se desenrola, aquele que recebe a massagem afirma ter ouvido rumores acerca de um tratamento especial, convidando o massagista a realizá-lo. O massagista, então, retira o tênis que ainda estava calçado, passa a massagear este pé, ainda com meia, e menciona o (bom) cheiro de suor, afirmando que ele seria causado pelo treino de força (realizado previamente, supomos). A meia cinza, com listas pretas, de cano médio, está visivelmente úmida, sendo, junto ao pé, cheirada, beijada e lambida pelo massagista.

A assimetria de poder daquele que, deitado, tem os pés adorados e daquele que, de joelho, adora os pés, é ainda reiterada pelo plano e disposição das personagens em cena. Ambos os homens suspiram e gemem, demonstrando prazer na ação. Ao passo que o homem que está deitado se masturba, o que está de joelhos avança sobre o seu corpo, beijando as pernas, o pênis (ainda sob a bermuda cinza, de moletom), o peitoral e, por fim, demorando-se mais, nas axilas. Mesmo mais adiante, durante prática de sexo oral, os pés, protagonistas, ocupam o centro da ação via movimentos de *close*, toques e, em seguida, lambidas dadas nos dedos, nos espaços entre os dedos e na sola. Ao final o homem que está deitado ejacula, tendo o massagista aos seus pés, lambendo-os intensamente.

¹¹

Disponível

em:

https://www.xvideos.com/video.iocfkao2d92/um_pedaco_bonito_quer_ser_chupado_no_pau_e_os_pes_lambidos
Acesso em: 02/2026.



FIGURA 5 – Adoração ao pé
FONTE – XVideos.

Neste mesmo dia, ao realizar uma busca no *Google* por meio das palavras-chave “contos eróticos”, “gay” e “pés”, diversos resultados apareceram. Dentre eles, em destaque por critério de relevância, um conto, advindo do site *Casa do Contos Eróticos*, intitulado “*Os pés do valentão*”¹². No texto, um jovem universitário, Daniel, de 21 anos, revela seu fetiche por pés e, em especial, pelos de tamanho 45 de um colega de sala, Tiago. Em determinado instante, em um encontro posterior a uma partida esportiva da qual Tiago participava, Daniel demonstra fascínio pelos pés de seu interlocutor.

[...] Respondi fingindo estar calmo, pois enquanto eu pegava o dever em minha mochila, ele começou a desamarrar as chuteiras desgastadas, sujas por toda parte do couro de suor, terra e fiapos de grama. As meias longas estavam encharcadas de suor, e as mãos grandes e com as veias dilatadas dele começaram a tirar as chuteiras por completo. O cheiro de couro molhado de suor invadiu minhas narinas automaticamente.

Percebendo o interesse de seu colega por seus pés, Tiago, que já o tratava com desprezo, assume uma posição de dominação e humilhação ainda maior para com ele: “Olha o estado dos pés do pai. Acho que tu tá afim de dar um trato neles, né?! [...] - Tu acha que eu não vi tu encarando essas belezuras?” A cena se desenvolve mediante, em posição de submissão e tratando Tiago por mestre, Daniel aprecia e adora os pés que possui diante de si.

As solas das meias estavam desgastadas e suadas, os dedos todos marcados com grama e suor, deixando um contorno úmido. Havia um furo do qual o dedão carnudo dele

¹² Disponível em: <https://www.casadoscontos.com.br/texto/202206654> Acesso em: 02/2026.

brotava, os calcanhares encardidos e cansados de tanto apoiar e impulsionar aquele corpo musculoso e grande. O cheiro de vinagre invadia todo meu nariz, meus olhos lacrimejaram [...] Comecei pelos dedos, e chupei e lambi o suor entre cada um deles. O gosto amargo fazia eu franzir a testa brevemente, ao que Tiago gargalhava. Lambi todo o calcanhar, tirando todo resquício de grama, suor ou sujeira que poderia haver lá. Naveguei do calcanhar aos dedos inúmeras vezes, ao que ao final minha língua estava exausta, e os pés dele reluzindo da limpeza, minha saliva lustrando os pés 45.

Na dinâmica das práticas sexuais entre homens, e em especial no contexto da pornografia de fetiche envolvendo a podolatria, o pé parece operar como prótese/dildo (Preciado, 2014), capaz de dar a ver uma economia simbólica das masculinidades (Connell, 2003; Machado, 2018), que situa sujeitos distintos em lugares assimétricos. Ao falar sobre o negócio dos michês, Nestor Perlongher (2008) observou que o que se vendia nas ruas paulistanas da década de 1980, fundamentalmente, era masculinidade. Ao passo que lá os marcadores desta masculinidade hiperbólica, e intensamente desejada, correspondiam a uma musculatura desenvolvida, ao pênis grande, perceptível sob a calça, e a uma performance de gênero viril, aqui, ainda que tais elementos também se façam presentes, há um outro ícone que ganha protagonismo: o pé fálico e, junto a ele, um desejo em ser subjugado diante de determinada masculinidade. Nesse sentido, como observa Oliveira Júnior (2021, p.229)

... a masculinidade enaltecida e produzida entre as relações masculinas encenadas pela pornografia do fetiche da podolatria beira, a grosso modo, na sorte de servir ao macho pela convocação do desejo de ser inferior na condição do prazer, ou seja, na fissura de uma encenação do cotidiano. A subjetivação do desejo encontra o potencial do gozo, embaixo dos pés de um homem pelo cheiro e pela textura que aquele momento vivido afeta a libido em uma economia de troca que marca a diferença.

De um lado, com o pé fálico (calçado, apenas com meia ou então despido) à disposição, aparecem sujeitos másculos, viris, detentores dos capitais simbólicos de uma masculinidade hegemônica (Connell, 2003) e hiperbólica. De outro, corpos masculinos variados, em performances igualmente variadas, ocupam lugares de submissão e de adoração, aos pés dos sujeitos de desejo (sendo o próprio pé, e o que ele representa, objeto de desejo). Também recorrente nesta trama, e reiterando as posições de dominador e de dominado, são as ações realizadas: o lamber o sapato, o retirar o sapato dos pés, o cheirar as meias, o lamber as meias para, em seguida, finalmente, poder cheirar/beijar/lamber os pés. Para Oliveira Júnior (2021, p. 226),

No caso da pornografia de fetiche da podolatria, o traço da distinção se dá na dominação do performer focada na boca que lambe, cheira ou toca nos pés do dominador. Pelo fato de enfatizar a parte inferior do corpo, o desejo está constantemente ligado à sujeira, ao mau cheiro e à excreção do suor, proporcionando prazer pelo prazer no jogo constante de poder [...] De certa forma, as reproduções do

fetichismo da podolatria masculina na pornografia online está aparentemente associada ao sentido do maltrato pelo gosto da humilhação como vetor de prazer no gozo.

O cheiro, advindo do suor e/ou do chulé, em específico, conforme observado, é elemento narrativo recorrente em vídeos e em contos sobre o tema. Victor Hugo Barreto (2019), que reflete sobre a erótica dos fluidos masculinos, sugere que o suor, elemento que denota virilidade, reiteraria, neste contexto, uma masculinidade “exagerada”, mas, ainda assim, desejada, buscada e parte relevante de uma economia libidinal. “A erótica está associada, dessa forma, à produção de certos fluidos que se generificam e têm o poder de generificar (no caso, masculinizar) em sua produção, troca e consumo” (Barreto, 2019, p. 724). O suor e o cheiro forte, advindo do pé, é, também por si, elemento distintivo, buscado e desejado. O excitar-se cheiro dos pés ou de calçados, nesse sentido, constitui-se como uma prática podoterótica, assim como quando o pênis é estimulado (*footjob*) ou o cu é tocado ou mesmo penetrado (*foot fucking*) pelos dedos ou por todo pé.

6. Arredando o pé

A erotização das hierarquias sexuais, tal como configura em vídeos pornô podólatras, não está, por certo, isenta de ambiguidades. Aparentemente, a relação dominador/submisso serve à afirmação das assimetrias masculinas, em que um “grande homem” é adorado *podofalicamente* por um homem em posição de inferioridade. Para além, então, da óbvia exposição das fraturas masculinistas, é interessante observar que o sujeito da adoração não é o “grande homem” e sim aquele que se põe em condição de aparente submissão. Quem conduz as práticas que constituem a adoração, quem define o ritmo das ações, quem performa os movimentos, ou seja, quem tem uma posição ativa na adoração podólatra é quem aparentemente serve ao outro, que, por sua vez, é um sujeito passivo nessa relação. Quem, então, serve a quem, nesse caso? Quem é o sedutor e quem é o seduzido? Afinal, o fluxo erótico e o gozo alcançam ambos os parceiros, tanto o adorador quanto o adorado.

A exposição das dinâmicas complexas de dominação/submissão da podolatria, assim, faz ver que elas não estão distantes daquelas existentes em outras práticas sexuais. Nesse sentido, elas se inscrevem e são organizadas em meio às relações de poder historicamente localizadas e socialmente situadas. Isso é explicitado na série *Companheiros de Viagem*, exibida no Brasil pela *Prime Video*¹³. A série mostra o relacionamento de dois homens,

¹³ Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V72yglwGarU> Acesso em: 02/2026.

Hawkins Fuller (Matt Boomer) e Timothy Laughlin (Jonathan Bailey), nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 1980. Quando se conhecem, em Washington, capital dos Estados Unidos, Fuller é um homem casado, assessor parlamentar e já inserido no meio político estadunidense. Já Laughlin é um jovem tímido, vindo do interior, em busca de uma carreira. Entre os dois, estabelece-se então uma relação de parceria sexual e afetiva em meio a um ambiente homofóbico e no qual as diferenças entre os dois não é em momento algum desconsiderada. Fuller é o “grande homem” e Laughlin, a figura frágil.

Já no primeiro episódio da série, Laughlin tenta convencer Fuller a mobilizar sua cadeia de contatos para algo de seu interesse. Diante da resistência do parceiro, Laughlin então o seduz, adorando seus pés (Fig. 06)



FIGURA 6 – Imagens de *Companheiros de Viagem*

Ainda que seja o “submisso” nessa relação de aparente dominação, Laughlin conduz sua performance podólatra como recurso de sedução, usada para levar o “grande homem”, Hawkins, a fazer o que ele quer (o que efetivamente consegue). A série, nessa cena e ao longo de seus 8 capítulos, ao mesmo tempo registra as tensões de poder e hierárquicas presentes na sociedade estadunidense, inclusive nas relações sexuais, e expõe suas ambiguidades e contradições. Como observa o crítico Fernando Martins¹⁴, a série fala sobre homofobia, hipocrisia e as tensões entre desejo e poder.

Ainda que a cena de *Companheiros de Viagem* termine com um orgasmo genital, assim como aquelas descritas a partir do XVideos, a erotização dos pés, ali, coloca o pênis em segundo plano. Se isso se dá de modo recorrente em práticas podólatras, o mesmo não acontece em outras dinâmicas sexuais, em que os pés podem participar como um recurso erótico a mais, sem necessariamente se integrar à podolatria. Do mesmo XVideos, por exemplo, tem as cenas abaixo, extraídas de dois vídeos distintos¹⁵, em que o pé é estimulado em meio à penetração anal (Fig. 07)

¹⁴ Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/uma-serie-de-coisas/na-sombra-da-hipocrisia-companheiros-de-viagem-e-a-politica-do-secreto/42205/> Acesso em: 02/2026.

¹⁵ Disponível em: https://www.xvideos.com/video.hfocbpm0904/furby_e_tristan_sugam_e_lambem_os_dedos_dos_pes_de_outro_s_e e em https://www.xvideos.com/video.kucbolda99b/zaddy_chupando_o_dedo_do_pe Acesso em: 02/2026.



FIGURA 7 – Pé para toda obra

FONTE – XVideos

Em diferentes práticas sexuais, os pés podem ser utilizados como recursos eróticos, como complemento e/ou articulação com outros estímulos sexuais. Nesses casos, não se trata necessariamente de erotização de hierarquias, mas de experiências, de performances que

podem ou não ser recorrentes e que adquirem um caráter pessoal, acidental, singularizado em tal ou qual relação, em tais ou quais parceiros. Pode-se perguntar, nesses casos, se o pé mantém sua articulação com o falo ou se se trata apenas de uma erotização possível de uma parte somática. Qualquer que seja a resposta, o podoterotismo, especialmente em sua variação podólatra, desloca o sexo da genitália. Como observa Oliveira Júnior (2021, p. 18), a prática podólatra “desestabiliza a centralidade do prazer na genitália, abrindo horizontes para a redescoberta dos prazeres e das sensações”. O pé, porém, não é um órgão erótico solitário, pois pede boca, língua, nariz, mãos...

Nesse sentido, tal como Paul B. Preciado (2014, p. 31) observa, os órgãos sexuais, em si, não existem, já que, tal como usualmente são compreendidos, constituem-se como “o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua ‘natureza’ (relações heterossexuais)”. Em sociedades nas quais os atos sexuais estão marcados por um excesso de significados, tal como defende Rubin (2017), dá-se o estabelecimento de um sistema hierárquico de valor sexual. Ao passo que no topo da pirâmide erótica, lugar da dignidade e da respeitabilidade, estariam os heterossexuais, que se casam e se reproduzem, grupos diversos, dentre os quais estariam incluídos os sujeitos fetichistas e sadomasoquistas, ocupariam a base da pirâmide. Para Rubin (2017, p. 88) seria difícil desenvolver uma ética sexual pluralista sem um conceito de variação sexual benigna: “Uma das ideias mais arraigadas a respeito do sexo é a de que existe uma melhor forma de fazê-lo, de modo que todos deveriam fazê-lo dessa forma”.

As práticas e textualidades podoteróticas como que “metem o pé na porta” desses entendimentos que restringem as potencialidades eróticas e de prazer sexual. Elas também explicitam as fraturas e tensões das masculinidades, inclusive quando, adotando hierarquias, as erotizam e complexificam. O deslocamento das experiências sexuais da centralidade do pênis, por sua vez, não implica seu apagamento e sim a observação da potencialidade erótica do corpo e da liberdade que abriga. Liberdade essa que não é absoluta, mas que se insere no jogo de relações de poder localizadas e circunscritas. Da mesma forma, o podofalismo reposiciona o falo para além do pênis e faz ver que as dinâmicas das masculinidades são mais fissuradas e instáveis quando vistas sob outra perspectiva, talvez de baixo para cima, talvez ao pé do ouvido. Apertemos o pé, pois.

Referências

- ABRIL, Gonzalo. La nostalgia del texto. **Historia y Comunicación Social**, n. 1, 1 ene. 1996.
- _____. Cultura visual y espacio público-político. In: **IC Revista Científica de Información y Comunicación**, n.15, 2010.
- _____. **Cultura visual**: de la semiótica a la política. Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2013.
- _____. La semiosis alegórica en textos verbosuales. In: **Revista Valenciana d'etnologia**, Núm. 4, 2008.
- _____. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. In: **IC Revista Científica de Información y Comunicación**, n.09, 2012.
- _____. **Por uma semiótica contemporânea**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFGM, 2025
- ARAUJO, Rafael. **Dicionário Bíblico Completo Hebraico e Grego com Números de Strong**. ASIN: B0D6WJ8R76, 2024.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. Erótica dos fluidos masculinos em práticas sexuais coletivas. **Etnográfica**, v. 23, n. 3, p. 717-738, 2019.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora Record, 2012.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CONNEL, Robert W. **Masculinidades**. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.
- COSTA VAL, M.G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Corpo e discurso**: uma história de práticas de linguagem. Petrópolis: Vozes, 2023
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14: 195-228, 2013
- FINOL, José Henrique. **La corposfera**. Antropo-semiótica de las cartografías del cuerpo. Quito: Ediciones Ciespal, 2015.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GONZALEZ, Lélia, HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. (1982) Rio de Janeiro: Marco Zero.
- GREINER, Christine. **O corpo**. São Paulo: Annablume, 2013
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos. O pinto desnudo. 32º Encontro Anual da Compós, 2023, USP, **Anais...** Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-pinto-desnudo?lang=pt-br>. Acesso em 22 de fevereiro de 2026
- LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos; MENDONÇA, Felipe. O que pode o cu? 34º Encontro Anual da Compós, 2025, UFPR, **Anais...** Disponível em <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/catalog/category/comunic-geros-sexualidade>. Acesso em 22 de fevereiro de 2026.

- LEAL, Bruno; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (Org.) . **Textualidades Mediáticas**. 1. ed. Barcelona: UOC, 2017
- LEAL, Bruno. Corpos inteiramente fragmentados. CHAMUSCA, Tess; CAETANO, Eliza (org.). **Ensaando corpos**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFGM, 2025
- _____. Do corpo como texto: na mídia, na rua. **Revista Fronteira**, v. VIII, p. 144-151, 2006
- _____. Del texto a la textualidad en comunicación: contornos de una línea de investigación. LEAL, Bruno; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (Org.) . **Textualidades Mediáticas**. 1. ed. Barcelona: UOC, 2017, p. 21-42
- LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012
- _____. **Antropologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016
- LOTMAN, Yuri. **La semiosfera**. Lima: Editora Universidad de Lima, 2019.
- MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Mens Health Portugal. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018. v. 1. 268p.
- MENDONÇA, Carlos Camargos; LEAL, Bruno. Verlas a ellas: mujeres trans y dimensiones políticas de la cultura visual. LEAL, Bruno; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (Org.). **Textualidades Mediáticas**. 1. ed. Barcelona: UOC, 2017
- MENDONÇA, Carlos. **E o verbo se fez homem: corpo e mídia**. 1. ed. São Paulo: Intermeios. Casa de artes e livros, 2012
- MORAÑA, Mabel. **Pensar el cuerpo**. Barcelona: Herder Editorial, 2021
- MOURA, Maria Betânia. **Por uma teoria do formato jornalístico**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFGM, 2019
- OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José. Entre performances e próteses, os pés: circuitos tecno-orgânicos da erótica dos fragmentos corporais masculinos na pornografia online. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 1, p. 213-244, 2021.
- OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José. Homens, pés e desejo: notas etnográficas sobre a performance da adoração no fetiche da podolatria masculina, no Brasil e nos Estados Unidos. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 27, 2020.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: Editora Zahar, 2023.
- ROSSI, William A. **The sex life of the foot and shoe**. Nova York: Saturday Review Press, 1976
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: UBU Editora, 2017.
- TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas américas. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2013
- WITTIG, Monique. **O corpo lésbico**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.